MUSEU-CASA JUSCELINO KUBITSCHEK: A NARRATIVA MUSEOLÓGICA DA SUPERAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO SOBRE O EX-PRESIDENTE MINEIRO (DIAMANTINA, MINAS GERAIS)

Leonardo Gonçalves Ferreira
https://orcid.org/0000-0001-6843-1841
leonardo.ferreira@ifap.edu.br
Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Amapá, Laranjal do Jari, Amapá (AP), Brasil

RESUMO: O Museu-Casa Juscelino Kubitschek está sediado na casa em que morou o ex-presidente durante sua infância e adolescência. A instituição constrói não apenas uma narrativa biográfica sobre a vida de Juscelino, como também produz uma *persona* específica para ele. Observa-se nesta construção uma ênfase nas dificuldades e adversidades financeiras pelas quais Juscelino passou durante sua infância e adolescência, exatamente no momento em que viveu nesta casa. Ao mesmo tempo, a instituição oferece espaço para os antepassados de Juscelino que, de alguma maneira, obtiveram renome e posição de destaque nos campos político, intelectual e econômico, sem que se estabeleça qualquer relação direta entre a trajetória de vida destes com a do então futuro presidente. Dessa forma, busca-se analisar se a narrativa museológica contribui para a construção de um imaginário sobre o ex-presidente que desconsidera, em sua trajetória, os possíveis capitais simbólicos de seus antepassados. O intuito foi realizar um estudo qualitativo que buscou abarcar dois procedimentos específicos: pesquisa documental e o desenvolvimento de um mapeamento expográfico. Observou-se, com o desenvolvimento da pesquisa, que ao construir uma narrativa biográfica que não considera os capitais presentes na família de Juscelino e que, inevitavelmente, irradiaram e reverberaram em sua própria vida, o museu-casa corre o risco de construir um imaginário sobre o ex-presidente que enfatiza sobremaneira uma extraordinária trajetória de superação. Esta construção museológica alicerça-se em uma narrativa biográfica que sugere que, a despeito das dificuldades e adversidades, a personalidade visionária do ainda jovem Juscelino fez com que ele expandisse os seus horizontes.

Palavras-chave: Juscelino Kubitschek, museu-casa, narrativa museológica, narrativa biográfica, narrativa da superação.

JUSCELINO KUBITSCHEK HOUSE MUSEUM: THE MUSEUM NARRATIVE OF OVERCOMING IN THE CONSTRUCTION OF THE IMAGINARY ABOUT THE FORMER PRESIDENT OF MINAS GERAIS (DIAMANTINA, MINAS GERAIS)

ABSTRACT: The Juscelino Kubitschek House Museum is located in the house where the former president lived during his childhood and adolescence. The institution not only constructs a biographical narrative about Juscelino's life, but also produces a specific persona for him. This construction emphasizes the financial hardships and difficulties that Juscelino went through during his childhood and adolescence, precisely at the time he lived in this house. At the same time, the institution offers space for Juscelino's ancestors who, in some way, achieved renown and prominent positions in the political, intellectual and economic fields, without establishing any direct relationship between their life trajectories and that of the future president. Thus, the

aim is to analyze whether the museological narrative contributes to the construction of an imaginary about the former president that disregards, in his trajectory, the possible symbolic capital of his ancestors. The aim was to conduct a qualitative study that sought to encompass two specific procedures: documentary research and the development of an expographic mapping. As the research progressed, it was observed that by constructing a biographical narrative that does not consider the capital present in Juscelino's family and that inevitably radiated and reverberated in his own life, the house-museum runs the risk of constructing an imaginary about the former president that emphasizes an extraordinary trajectory of overcoming. This museological construction is based on a biographical narrative that suggests that, despite the difficulties and adversities, the visionary personality of the still young Juscelino allowed him to expand his horizons.

Keywords: Juscelino Kubitschek, house-museum, museological narrative, biographical narrative, narrative of overcoming.

INTRODUÇÃO

É inegável o excepcional lugar que Juscelino Kubitschek ocupa na história do Brasil. JK, como ficou conhecido, construiu uma carreira política de prestígio: foi deputado federal, prefeito de Belo Horizonte, governador de Minas Gerais, predidente da República, eleito para 31 de janeiro de 1956, e, posteriormente, senador pelo estado de Goiás (Schwarcz; Starling, 2015).

Muitos são os estudos que analisam, acompanham e desvendam a *persona* de JK construída ao longo de sua atuação política, principalmente enquanto presidente. Contou para essa construção uma alavanca estratégica imbatível de seu governo: o Plano de Metas. Graças a esse programa, JK conseguiu articular uma aliança, muito bem-sucedida, entre grupos sociais de interesses muito diversos que aceitaram se reunir em torno de um grande projeto de planejamento econômico para o Brasil (Schwarcz; Starling, 2015).

De acordo com Schwarcz e Starling (2015), o Plano de Metas, apresentado pela primeira vez em uma reunião ministerial em fevereiro de 1956, foi o primeiro e mais ambicioso programa de modernização já apresentado ao país. Com o programa, capaz de resumir as principais linhas de sua administração, JK conseguia dar concretude à promessa de que sob o seu comando, o Brasil cresceria “cinquenta anos em cinco” (Schwarcz; Starling, 2015). JK se propunha a efetuar, portanto, uma mudança estrutural na capacidade produtiva do país.

O sucesso do Plano de Metas se deve ao fato de que JK conseguiu transformar o seu programa em um projeto de um Brasil reconhecidamente possível pela população. Segundo o ex-presidente, o seu programa de governo não apenas serveria para abrir as portas da modernidade,

como também contribuiria para reparar as injustiças de uma profunda herança histórica de miséria e de desigualdades no país (Schwarcz; Starling, 2015).

No entanto, segundo Schwarcz e Starling (2015), no universo do planejamento e da definição de políticas públicas, o Plano de Metas falhou ao não desatar os nós que amarravam os gargalos do desenvolvimentismo proposto. Os inevitáveis resultados negativos provocados pelo programa de crescimento econômico de JK comprovam isso. JK concentrou no Estado a tarefa de investir pesado na infraestrutura do país, mas fez isso por meio de um projeto econômico que privilegiava o capital internacional.

Em outras palavras, JK apresentou o seu Plano de Metas como o mais ambicioso projeto de modernização da história do país e, de fato, era, mas não alterou as bases de desigualdade política e social do país. Algo comumente omitido nas narrativas que alicerçam a *persona* construída por trás de sua atuação como presidente do Brasil. Por fim, mas não menos importante, é necessário dizer que JK fez da construção de Brasília a metassíntese de seu Plano de Metas. Uma cidade moderna inteiramente planejada forneceu não apenas a JK, como também a seu programa de governo, um símbolo claramente compreensível pela população. JK gerou as condições capazes de viabilizar as obras em tempo recorde e materializou Brasília em apenas três anos. A nova capital federal, inaugurada em 21 de abril de 1960, tornou simultaneamente monumento e símbolo nacional, e apesar de desviar a atenção da sociedade para problemas de difícil solução, como a inflação e a reforma agrária, levou consigo o próprio JK a ocupar um lugar de destaque na história do país (Schwarcz; Starling, 2015). JK encerrou o seu mandato, nove meses após a inauguração de Brasília, com altíssima popularidade.

O foco deste trabalho, no entanto, não é o presidente e o seu plano de desenvolvimento econômico, que criou uma *persona* síntese para JK, em sua interface com a narrativa do próprio processo de modernização do Brasil. O presente trabalho tem como objetivo analisar outra construção referente a JK que se refere à sua infância e adolescência no interior de Minas Gerais e que está presente na narrativa museológica do "Museu-Casa Juscelino Kubitschek".

O "Museu-Casa Juscelino Kubitschek", localizado em Diamantina, Minas Gerais, está sediado na casa em que morou o ex-presidente mineiro durante sua infância e adolescência. A instituição constrói não apenas uma narrativa biográfica sobre a vida de Juscelino, como também produz uma *persona* específica para o ex-presidente.

Observa-se nesta construção narrativa uma ênfase nas dificuldades e adversidades financeiras pelas quais Juscelino passou durante sua infância e adolescência, exatamente no momento em que viveu nesta casa. Esta construção museológica alicerça-se no que compreendemos como uma narrativa da superação que sugere que, a despeito das dificuldades e adversidades, a personalidade visionária do ainda jovem Juscelino e, obviamente, seu esforço e dedicação, fizeram com que ele expandisse seus limitados horizontes.

Ao mesmo tempo, o museu-casa oferece espaço para os antepassados de Juscelino que, de alguma maneira, obtiveram renome e posição de destaque nos campos político, intelectual e econômico, sem que se estabeleça qualquer relação direta entre a trajetória de vida destes com a trajetória de vida do então futuro presidente. Ao construir uma narrativa biográfica que não considera os capitais político, intelectual, econômico e social presentes na família de Juscelino e que, possivelmente, possam ter irradiado ou reverberado em sua própria vida, o museu pode construir um imaginário sobre o presidente, e sobre suas características, que enfatiza sobremaneira uma extraordinária trajetória de superação.

Sem desconsiderar estas dificuldades e adversidades, e mesmo o esforço e a dedicação de Juscelino ao longo de sua vida, esta pesquisa tem como objetivo compreender se a narrativa museológica do "Museu-Casa Juscelino Kubitschek" contribui para a construção do imaginário sobre o ex-presidente mineiro e sobre sua vida, enquanto uma *persona* e uma trajetória de superação, desconsiderando os possíveis capitais político, intelectual, econômico e social de seus antepassados.

O intuito desta pesquisa foi realizar um estudo qualitativo que buscou abarcar dois procedimentos específicos: pesquisa documental e o desenvolvimento de um mapeamento expográfico. Foram realizados, portanto, estudos de arquivos e de documentos administrativos sobre a fundação do museu-casa e um mapeamento expográfico para análise da narrativa biográfica apresentada. A análise documental foi feita principalmente no arquivo e na biblioteca do museu-casa. No que se refere ao mapeamento expográfico, foi realizada uma análise não apenas da expografia, de um modo geral, como também dos objetos e dos documentos que compõem o acervo da instituição e da maneira como estão expostos. Por meio da pesquisa documental e do mapeamento expográfico buscou-se compreender a contribuição da narrativa museológica do "Museu-Casa Juscelino Kubitschek" na construção do imaginário sobre o ex-

presidente mineiro, enquanto “menino pobre”, e que desconsidera os possíveis capitais simbólicos de seus antepassados em sua trajetória de vida.

A seguir será apresentada uma breve biografia de JK, desde o seu nascimento em Diamantina, Minas Gerais, em 1902, até a sua entrada na Faculdade de Medicina em Belo Horizonte, em 1921. Essa biografia, que inclui alguns dos antepassados de Juscelino, terá como base a obra “JK: o artista do impossível” de Cláudio Bojunga (2001). A ideia é desvendar possíveis capitais simbólicos dos antepassados de JK que, de alguma maneira, reverberaram e alicerçaram a trajetória do ex-presidente no início de sua vida.

1. A INFÂNCIA E A JUVENTUDE DE JK: DO SEMINÁRIO EM DIAMANTINA À FACULDADE DE MEDICINA EM BELO HORIZONTE

Como objeto de estudo, a biografia permite uma reflexão sobre os vínculos sociais e históricos que se relacionam com a forma como personagem biografado teve sua trajetória lembrada ou esquecida ao longo do tempo. Portanto, a construção de uma biografia envolve uma relação de trocas simbólicas entre o meio, o sujeito e o próprio biógrafo.

De acordo com Pierre Bourdieu (1996), o empreendimento biográfico é permeado por um processo que o sociólogo denomina de ilusão biográfica. Para o autor, essa ilusão enturvaria a visão e faria enxergar uma sequência lógica, cronológica e linear no conjunto de acontecimentos da existência narrada. Com a ilusão biográfica, se estabeleceria relações causais entre os estados sucessivos que passam a ser entendidos como etapas necessárias ao desenvolvimento do sujeito biografado. Por sua vez, o biógrafo acaba por aceitar essa criação, que de acordo com Bourdieu, é artificial e sem sentido.

A ilusão biográfica conduziria à construção da noção de trajetória enquanto uma série de posições que são sucessivamente ocupadas por um mesmo agente. Nesse sentido, o espaço se torna um próprio devir sujeito a incessantes transformações. Para Boudieu, não faria sentido tentar compreender uma vida como uma série única e suficiente de acontecimentos sucessivos e lineares sem nenhum outro vínculo que não seja a associação a um “sujeito” cuja constância certamente se apresenta apenas em seu nome próprio (Bourdieu, 1996). Em função da maneira que a biografia de JK foi construída a seguir, é importante que tenhamos em mente as discussões propostas por Bourdieu (1996) antes de partirmos para ela.

João César de Oliveira, o pai de JK, nasceu em Minas Gerais em 1871 e descendia de uma família de pequenos comerciantes de diamantes (Bojunga, 2001). Segundo Bojunga (2001), no primeiro volume de sua memórias, JK diz de seu pai: "[meu pai] exerceu várias atividades que a estreiteza do ambiente comportava. Experimentou o garimpo. Foi delegado de polícia e fiscal de rendas. A profissão a que se dedicou predominantemente foi, entretanto, a de caixeiro-viajante, que, por certo, mais de adaptava ao seu temperamento" (Bojunga, 2001, p. 38).

João César era filho de Teófilo Gomes de Oliveira que, como mencionado anteriormente, vivia do comércio de diamantes. De acordo com Bojunga (2001), o avô paterno de JK era irmão, por parte de mãe, do bem-sucedido Manuel César Pereira da Silva, atacadista que abastecia o mercado de Diamantina com produtos de secos e molhados (Bojunga, 2001). Ainda de acordo com o autor, "ao voltar de suas longas excursões, que duravam meses sem fim, João César se hospedava na casa do rico padrinho Manuel César, no largo da Cavalhada Nova, ou na de Antônio Eulálio de Souza, na esquina da rua do Amparo com o largo do Bonfim. Foi assim até o casamento com Júlia" (Bojunga, 2001, p. 39). Esta citação nos dá ideia não apenas do estilo de vida do pai de JK, como também de sua relações que, de alguma forma, foram determinantes em seu cotidiano.

Segundo Bojunga (2001), os biógrafos de JK dedicam mais atenção à sua mãe Júlia do que ao seu pai, João César. Para o autor, isso se deve não apenas ao fato de JK ter perdido seu pai muito cedo, aos dois anos de idade, como também à forte personalidade de Júlia. Além de ter sido criado e formado pela mãe, "[...] a ação rigorosa e austera sobre a personalidade do futuro presidente – a professora disciplinada e bem-comportada – convém mais à imagem e à posteridade de um chefe de Estado do que a influência subterrânea de um dissoluto" (Bojunga, 2001, p. 39).

Júlia era a terceira filha de Augusto Elias Kubitschek e Maria Joaquina Coelho. Jan Nepomuscky, avô de Júlia e bisavô de JK, foi súdito do imperador da Áustria e rei da Hungria e da Boêmia. Emigrou para o Brasil em 1831 aproximadamente. "Como o nome soava estranho aos ouvidos da gente do sertão, o tcheco ficou sendo João Alemão" (Bojunga, 2001, p. 39).

João Alemão evitou a mineração e qualquer atividade de lojista atrelado ao garimpo (Bojunga, 2001). Contentou-se em exercer a profissão de marceneiro em Diamantina. De acordo com Bojunga (2001), o bisavô de JK teve 12 escravizados e ensinou a alguns o ofício da boa carpintaria em madeiras de lei. Casou-se com Teresa Maria de Jesus e teve três filhos: Carlos

(nascido em 1841), João Nepomuceno (nascido em 1843) e Augusto Elias (nascido em 1845), pai de Júlia e avô materno de JK (Bojunga, 2001). Bojunga (2001), nos mostra as condições de vida de João Alemão: "o imigrante tcheco viveu com relativo conforto: em seu inventário havia móveis de jacarandá e de mogno, talheres de prata, livros franceses e ingleses, relógios, botões e um terço de ouro, e um alambique para preparar licores" (Bojunga, 2001, p. 41).

Pelo lado materno, o tio-avô de JK, João Nepomuceno, foi o que mais se destacou. O próprio JK relata a trajetória bem-sucedida de seu antepassado: "educador por vocação, exerceu o cargo de diretor da instrução pública da Província, do qual se afastou mais tarde para se dedicar à campanha abolucionista e à pregação republicana" (Bojunga, 2001, p. 41).

Ainda de acordo com Bojunga (2001), João Nepomuceno Kubitschek morou em São Paulo e no Rio de Janeiro. Leu os românticos franceses e frequentou os cafés da rua do Ouvidor. Voltou para Diamantina em 1869, onde atuou como advogado e professor. Em 1888, fundou e presidiu o Clube Republicano de Diamantina (Bojunga, 2001). Além disso, João Nepomuceno participou das eleições de 1891 para a constituinte estadual e chegou a ser senador e vice-presidente de Minas Gerais nos últimos anos do século XIX (Bojunga, 2001).

O avô materno de JK, Augusto Elias, teve uma vida um pouco menos gloriosa do que a de seu irmão, João Nepomuceno, mas nem por isso desprovida de atuação pública. Augusto Elias foi comerciante e Membro da Câmara Municipal de Diamantina (Bojunga, 2001). Augusto Elias casou-se com Maria Joaquina Coelho em 1867. Tiveram seis filhos: quatro mulheres e dois homens, que morreram antes da maioridade. "As mulheres se chamaram Virgínia, Maria, Júlia – a mãe de JK – e Hilda" (Bojunga, 2001, p. 42).

Sobre a mãe de JK, Bojunga (2001) afirma: "Júlia foi uma jovem disciplinada, severa, rotineira, aplicada. Depois da formatura, na Escola Normal de Diamantina, foi nomeada para a direção de uma escola pública no Arraial de Baixo, em 1895. Ia e voltava da escola a pé. Parecia mais velha do que era: não ia a bailes ou serestas" (Bojunga, 2001, p. 42).

João César e Júlia se casaram em 17 de dezembro de 1898 no sobrado da rua Direita, em frente à Catedral de Diamantina, que pertencia à família da noiva (Bojunga, 2001). A filha mais velha do casal nasceu em 1900, mas viveu apenas alguns meses. A segunda, Maria da Conceição, a Naná, veio ao mundo em 1901. O terceiro, Juscelino Kubitschek de Oliveira, o Nonô, nasceu no dia 12 de setembro de 1902. JK recebeu esse nome "[...] para homenagear Juscelino da Fonseca Ribeiro Júnior, o Sica, professor da Escola Normal, marido de Virgína, irmã mais velha

de Júlia" (Bojunga, 2001, p. 43). JK nasceu no sobrado da rua Direita que pertencia a seu avô materno. Naná e Nonô passaram seus primeiros anos de vida no sobrado em frente à matriz (Bojunga, 2001).

João César, o pai de JK, faleceu de tuberculose no dia 10 de janeiro de 1905, antes de completar 34 anos de idade (Bojunga, 2001), o que deixou Júlia e os filhos em uma situação bastante difícil. Segundo Bojunga (2001), apesar de viver uma vida modesta, depois da morte do marido, Júlia não era completamente despida de orgulho. Além de ser professora, o que no início do século XX representava considerável *status* social, seu tio tinha sido senador e vice-presidente do estado (Bojunga, 2001).

Para Bojunga (2001), considerando os endereços de dona Júlia em Diamantina, é possível atribuir à família Kubitschek uma posição econômica intermediária. Socialmente, no entanto, pertenciam à camada superior, como fica claro no depoimento do próprio JK.

> Vários dentre os meus ascendentes, do lado materno como do paterno, ocuparam posição de relevo em Diamantina, ou foram professores, fazendeiros ou comerciantes. (…). Nossa pobreza não era, pois, propriamente de origem, mas das circunstâncias. Restringiu-se ao âmbito de nossa pequena família, isto é, minha mãe e seus dois filhos, e foi também consequência da morte prematura de meu pai. Se o quisesse, ou tivesse outro temperamento, minha mãe poderia ter recorrido aos parentes (Bojunga, 2001, p. 44).

Júlia exercia a profissão de professora desde 1895 em uma escola afastada (Bojunga, 2001). Depois da morte de João César, Júlia e os filhos mudaram-se para uma casa simples no alto da Grupiara (Bojunga, 2001). "A família Kubitschek de Oliveira morava numa modesta casa de uma sala e dois quartos, na rua São Francisco, onde hoje está instalada a Casa JK. Era uma construção precária, com vedações e pau-a-pique, alvenaria rebocada e caiada e piso em tabuado largo" (Bojunga, 2001, p. 51). Com a criação de um novo Grupo Escolar, dona Júlia foi nomeada professora para nele trabalhar. "Os garotos ficavam com Augusta de Generosa, filha de escravos, libertada graças à Lei do Ventre Livre" (Bojunga, 2001, p. 48). Contudo, o salário de dona Júlia não era suficiente para arcar com todos os gastos da família, o que incluía o colégio das freiras onde Naná ingressou em 1913 e o Seminário onde Nonô entrou em 1914 (Bojunga, 2001).

Augusto Elias, o avô materno de Juscelino, faleceu em 1914. A herança deixada por ele "[...] proporcionou a dona Júlia três contos de réis, logo entregues à guarda de Juscelino Pio Fernandes, o Sica de Gouveia, marido de sua irmã mais velha, 'para garantir a educação dos

meninos'" (Bojunga, 2001, p. 52). Mesmo sem conferir diploma, o Seminário era garantia de formação sólida para Nonô. Auxiliou ainda mais o abatimento de dez-mil réis no preço da mensalidade concedido à dona Júlia pelo padre reitor, o francês Vicente Péroneille (Bojunga, 2001).

Segundo Bojunga (2001), o Seminário disciplinou não apenas as leituras de Juscelino, como também a sua vocação: foi exatamente nessa época que começaram os seus sonhos em cursar medicina. A inclinação também é atribuída ao prestígio que o médico José Eulálio de Souza desfrutava aos olhos de dona Júlia (Bojunga, 2001).

Juscelino terminou os estudos no Seminário antes de completar 15 anos de idade (Bojunga, 2001). Como só poderia fazer os preparatórios e ingressar na Faculdade de Medicina aos 18 anos, Juscelino aproveitou os três anos faltantes para estudar e ler com afinco (Bojunga, 2001). Para tanto, fez uso da Biblioteca Provinciana da União Operária, da biblioteca do Seminário e da biblioteca do tio Juscelino da Fonseca Ribeiro, professor da Escola Normal. Foi o tempo de leituras solitárias e melancólicas no alta da grupiara. Mas Nonô não parou por aí. Juscelino estudou inglês com o germanófilo Jardim e francês com a madame Louise, parisiense, viúva de um funcionário da Companhia Franco-brasileira de Mineração. "Foi ela quem apresentou Juscelino a Corneille, Racine, Voltaire e Moliére, versão antologia escolar" (Bojunga, 2001, p. 53).

Como se verá adiante, outra influência determinante sobre Juscelino, neste período, foi a do médico Álvaro Mata Machado. Segundo Bojunga (2001), oportunidades inesperadas, auxílios imprevistos, acidentes de percurso e arranjos providenciais ocorrem em toda história de sucesso, encurtando o acesso à linha de chegada. Ainda de acordo com o autor, no caso de Juscelino, o primeiro acaso favorável resultou da epidemia de "gripe espanhola" que assolou o Brasil em 1918 e esvaziou os colégios de todo o país. Em função disso, foi criado um projeto no senado brasileiro que previa a promoção dos alunos impedidos de prestar os exames por causa da epidemia. Posteriormente, a medida foi ampliada instituindo os exames de decreto: "bastava o aluno estar matriculado e requerer o certificado que receberia automaticamente quatro créditos" (Bojunga, 2001, p. 55).

O médico Álvaro Mata Machado alertou Juscelino sobre essa oportunidade. Nonô inscreveu-se e enviou os documentos necessários a Belo Horizonte por meio de seu primo, João Kubitschek, que estava de partida para a capital mineira (Bojunga, 2001). Juscelino requereu os

exames de álgebra, aritmética, português e latim. Cada certificado custava 11 mil-réis, o que fez com que dona Júlia recorresse às suas economias (Bojunga, 2001). Contudo, Juscelino ainda precisava arcar com as despesas dos oito exames restantes que só poderiam ser feitos em Belo Horizonte.

Álvaro Mata Machado novamente apontou uma solução para Juscelino ao informá-lo que um edital de 1919 havia aberto concurso para telegrafista na Agência Central de Belo Horizonte. Juscelino tinha relativa chance de conseguir sua aprovação já que dominava razoavelmente os segredos do código Morse por ter o hábito de frequentar o posto telegráfico de Diamantina (Bojunga, 2001).

Os custos da viagem para Belo Horizonte, uma vez que os exames seriam realizados na Faculdade Livre de Direito da capital, ficaram a cargo, novamente, de dona Júlia que, para tanto, vendeu uma joia de família (Bojunga, 2001). Mas foi necessária uma ajuda suplementar: "Nonô ainda não tinha completado os 18 anos – idade mínima exigida pelo concurso. Entra então em cena o velho amigo Ninico, oficial de registro público, que deu uma mexida nos papéis. Isso explica por que os documentos escolares de Juscelino Kubitschek o registram com dois anos a mais" (Bojunga, 2001, p. 56).

O concurso foi composto por nove exames. A primeira prova aconteceu no dia 21 de julho de 1919. Compareceram 89 dos 97 inscritos. Juscelino retornou para Diamantina em agosto e esperou os resultados que foram publicados em dezembro no Diário de Minas Gerais (Bojunga, 2001). Nonô ficou em décimo nono lugar, mas apenas os seis primeiros colocados foram imediatamente convocados.

Juscelino voltou para Belo Horizonte em dezembro de 1919 graças a um empréstimo de duzentos mil-réis do amigo Sica de Gouveia (Bojunga, 2001). Foi aprovado nos exames de francês e de inglês realizados no Ginásio Mineiro. Ainda faltavam sete exames. Juscelino retornou para Diamantina e passou todo o ano de 1920 estudando as matérias restantes com o auxílio de padres do Seminário e de alguns tios (Bojunga, 2001). "Em dezembro, foi aprovado em geografia, história do Brasil e história universal, mas tropeçou em geometria. Além desta matéria, faltavam física, química e história natural" (Bojunga, 2001, p. 56).

De acordo com Bojunga (2001), 1920 foi uma linha divisória na juventude de Juscelino. Foi o último ano em que Nonô passou em Diamantina. Daí a diante, só voltaria à cidade do interior de Minas Gerais como visitante. No final de 1920, Juscelino decidiu ficar em Belo

Horizonte porque, de acordo com ele, Diamantina não dispunha de laboratórios onde pudesse se exercitar nas matérias pendentes. Para se preparar para os exames que faltavam, Juscelino frequentou o curso particular de Newton Peçanha (Bojunga, 2001). "Aproveitou a temporada e fez ronda dos políticos para tentar abreviar a nomeação e aliviar a mãe, que lhe mandava 60 mil-réis por mês. […]. De vez em quando, as abotoaduras de João César iam para a casa de penhores da rua Guarani, onde rendiam dez mil-réis, um bom dinheiro" (Bojunga, 2001, p. 56). Sua nomeação como telegrafista auxiliar ocorreu no dia 9 de maio de 1921. As relações de Juscelino justificam sua nomeação, como podemos verificar no relato a seguir.

> Nas suas memórias, Juscelino atribui sua nomeação como telegrafista auxiliar ao pedido de Mário da Mata Machado, amigo de Augusto Mário Caldeira Brant, que fora designado por Raul Soares para liderar a política de Diamantina, além de dirigir o Diário de Minas, órgão oficial do Partido Republicano Mineiro (PRM). Mata Machado teria pedido que Caldeira Brant intercedesse junto a Raul Soares, secretário do Interior. Este enviou uma cartinha ao Dr. Antônio Nogueira Penido, diretor geral dos Telégrafos, e o favor foi concedido (Bojunga, 2001, p. 69).

Alguns meses depois, Juscelino fez o exame vestibular, foi aprovado e ingressou na Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais em dezembro de 1921 (Bojunga, 2001).

2. ALGUNS APONTAMENTOS TEÓRICOS: CAPITAIS E CAMPOS DE ACORDO COM PIERRE BOURDIEU

Uma das teorias gerais mais sistematizadas sobre reprodução cultural, que foram propostas até hoje, é a do sociólogo francês Pierre Bourdieu (1930-2002). Bourdieu (1989) postulou uma teoria bastante ampla sobre a reprodução cultural que faz uma conexão entre a posição econômica, o *status* social, o capital simbólico e o conhecimento e as habilidades culturais. Assim, se faz necessário apresentar a teoria de Bourdieu sobre as diferentes formas de capital para compreender a significância de sua perspectiva para a análise do presente trabalho.

O conceito central na teoria de Bourdieu é o de capital. Para Bourdieu, o capital econômico é apenas uma de várias outras formas de capital que não apenas indivíduos, como também grupos sociais, fazem uso para manter sua posição de vantagens e privilégios. Bourdieu identifica o capital social, o capital cultural e o capital simbólico, além, obviamente, do capital econômico. De acordo com o autor, o capital social se refere à participação e ao envolvimento

em redes sociais de elite ou entre grupos que se encontram bem conectados. O capital cultural, por sua vez, é aquele que é adquirido não apenas dentro do ambiente familiar, por meio das redes sociais em que as famílias estão inseridas, como também pela educação e que garante certificados como, por exemplo, os diplomas. Por fim, o capital simbólico diz respeito ao prestígio, ao *status* e a outras formas de honrarias sociais que possibilitam *status* elevados aos que ele possuem.

Campos é o segundo conceito introduzido por Bourdieu e se refere às arenas sociais em que ocorrem disputas competitivas baseadas nas formas de capital (Bourdieu, 1989). É por meio dos campos que não apenas a vida social se organiza, como também é onde as relações de poder operam. Por fim, Bourdieu nos apresenta o conceito de habitus que pode ser descrito como disposições aprendidas: comportamento corporal, modos de falar, de agir ou de pensar. Essas disposições são adotadas em relação às condições sociais em que existimos e vivemos. O conceito de habitus nos permite analisar as relações entre as estruturas sociais e as personalidades individuais.

Bourdieu (1989) identifica três formas em que o capital cultural pode existir. Primeiramente, capital cultural pode existir em um estado corporificado quando nós o carregamos em nossos modos de pensar, de falar e mesmo em nosso movimento corporal. O capital cultural também pode existir em um estado objetificado, como por exemplo, na posse de obras de arte, de livros e de roupas. Por fim, o capital cultural pode ser encontrado em formas institucionalizadas, como aquelas que estão contidas em qualificações educacionais e que se traduzem em capital econômico no mercado de trabalho. É nítido como as formas corporificada e institucionalizada são adquiridas por meio da educação e formam recursos que são utilizados nos campos específicos da vida social. Apesar de amplas críticas por seu caráter determinista, o arcabouço teórico de Bourdieu ainda é a síntese mais sistemática já produzida para se compreender não apenas a reprodução cultural, como também a manutenção das desigualdades sociais.

Partiremos agora para a análise sobre a “Casa de Juscelino” realizada por meio de uma pesquisa documental e de um mapeamento expográfico. O objetivo é investigar como a narrativa museológica constrói um imaginário do “menino pobre” para o JK desconsiderando os capitais de seus antepassados.

3. CASA DE JUSCELINO: O MUSEU BIOGRÁFICO DEDICADO À MEMÓRIA DE JK

De acordo com o documento interno “Casa de Juscelino” (2020), disponibilizado apenas quando requerido por pesquisadores, estudantes e interessados, no dia 9 de agosto de 1976, em Belo Horizonte, o então ex-presidente JK pediu um favor a seu amigo, e atual presidente da “Casa de Juscelino”, Serafim Melo Jardim: comprar a casinha onde viveu em Diamantina. Pouco depois, em 22 de agosto do mesmo ano, morre Juscelino Kubitschek em um acidente automobilístico.

Logo após o falecimento de JK, Serafim Melo Jardim pediu ao então prefeito de Diamantina, Sílvio Felício dos Santos, a desapropriação da casa com o objetivo de transformá-la em um museu. Segundo o documento, o pedido não foi aceito (Casa de Juscelino, 2020).

Alguns anos depois, em setembro de 1981, o Diário da Tarde de Minas Gerais transcreveu um trecho da carta do Arcebispo de Diamantina, Dom Geraldo Magela Reis, dirigida ao Deputado Estadual, Dalton Canabrava, que relatava o estado de abandono em que se encontrava a casa de JK. Com base nesta publicação, assinada pelo colunista Mário Fontana e intitulada “Socorro para a Casa de Juscelino”, Serafim Melo Jardim produziu e encaminhou um relatório para a víúva de JK, Sarah Kubitschek, relatando o estado precário da casa. Assim, ele obtém dela, e das filhas de Juscelino, Márcia Kubitschek e Maria Estela Kubitschek, pleno apoio para aquisição e restauração da casa onde JK passou a sua infância e a sua adolescência (Casa de Juscelino, 2020).

Em setembro de 1983, o então governador de Minas Gerais, Tancredo Neves, declarou a “Casa de Juscelino” como de utilidade pública e autorizou a desapropriação, em pleno domínio, do imóvel por meio do Decreto 23.002, publicado no Diário de Minas Gerais em 02 de setembro de 1983. Quase dois anos depois, no dia 26 de fevereiro de 1985, foi emitido um ofício do Procurador Geral do Estado de Minas Gerais, José Olímpio de Castro Filho, para o Secretário de Estado do Governo, Carlos Alberto Cotta, requerendo a autorização para assinar o contrato de concessão e de uso da casa (Casa de Juscelino, 2020).

Assim, no dia 8 de março de 1985, foi celebrado o contrato de uso da casa pelo Secretário de Administração, Luiz Otávio Ziza Valadares, e o Presidente da “Casa de Juscelino”, Serafim Melo Jardim. Após a restauração do imóvel, a “Casa de Juscelino” foi, enfim, inaugurada em setembro de 1985 (Casa de Juscelino, 2020).

No dia 29 de novembro de 2000, a “Casa de Juscelino” foi qualificada como uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (Oscip) pelo Ministério da Justiça, nos termos da Lei 9.790, do dia 23 de março de 1999, conforme despacho da Secretaria Nacional de Justiça publicado no Diário Oficial da União no dia 4 de dezembro de 2000 (Casa de Juscelino, 2020).

Por fim, o documento interno consultado informa que a instituição sobrevivia por meio de contribuições e de um convênio, assinado em 1988, entre a “Casa de Juscelino” e a Secretaria Estadual de Cultura (Casa de Juscelino, 2020). Contudo, ainda de acordo com o documento, esse repasse financeiro, que era anual, foi sendo reduzido ao longo dos anos e disponibilizado apenas até o ano de 2016, sendo totalmente esgotado em março de 2017. Não foram encontrados outros documentos que informassem sobre a receita do museu-casa após essa data.

A “Casa de Juscelino” funciona de terça-feira a domingo e cobra uma taxa de R$ 20,00 por pessoa. Estudantes, professores e idosos pagam a metade do valor. Logo no corredor de entrada do museu, encontramos algumas placas comemorativas que nos dão pistas e informações importantes sobre a instituição. Em uma dessas placas, intitulada “Juscelino em Diamantina: criando saudades (1902-1926)”, encontramos as seguintes informações: “exposição inaugurada em 15 de novembro de 2002”. Ao fim, enumera realizadores e patrocinadores. Ao que tudo indica, essa exposição é a que ainda se encontra em cartaz. Em outra placa, intitulada “Agradecimento”, encontramos informações sobre o fechamento do museu em fevereiro de 2019 e sua reabertura em setembro do mesmo ano. O texto finaliza com alguns agradecimentos nominais e à Construtora GTA pela execução de reforma da casa.

Como discutido anteriormente, a partir da lógica da ilusão biográfica, constrói-se não apenas uma determinada imagem, como também uma identidade para o sujeito biografado que, por suas naturezas biográficas, acabam por adquitir um caráter de oficialidade (Bourdieu, 1996). Logo, a biografia constitui-se em uma estratégia de criação e manutenção de uma imagem desejada que se pretende perpetuar. E os museus, especificamente os museus-casa, têm a capacidade de atribuir um caráter oficial a essas memórias de maneira a imortalizar os sujeitos biografados. E é exatamente isso o que verificaremos a seguir.

O trabalho de campo na “Casa de Juscelino” ocorreu no mês de junho de 2024. O mapeamento expográfico foi dividido de acordo com os cômodos do imóvel, como será apresentado a seguir. A primeira sala observada, provavelmente um quarto no passado, dedica-se

à infância de JK: seu cotidiano no Grupo Escolar Mata Machado, sua entrada no Seminário e sua recorrente utilização da Biblioteca da União Operária de Diamantina. Nesta sala, encontramos o livro da matrícula de Juscelino no Seminário, datado de 1914, o livro com as suas notas, datado de 1916, e a ata de sua formatura no curso primário, datada de 1913. A sala também nos informa sobre as usuais festas nas casas de parentes, frequentadas por Juscelino, sobre os carnavais de Diamantina, por meio de fotos e de reproduções de jornais da época (décadas de 1910 e de 1920) e sobre a relação de Juscelino com os seus amigos, sua participação em serenatas e jogos de truco. A sala ainda apresenta livros originais da Biblioteca da União Operária Beneficiente e uma batina pertencente ao acervo particular de Cônego Lisboa.

Na segunda sala observada, ao que tudo indica também um quarto, encontramos informações sobre a cidade de Diamantina do início do século XX: fotos antigas de Diamantina, fotos de uma procissão ocorrida em 1902 na cidade, fotos da Ordem Terceira do Carmo, datadas de 1905, fotos da visita do Presidente João Pinheiro a Diamantina em 1907 e reproduções de jornais diamantinenses, datados de 1908. Ainda nessa sala, há um espaço reservado para informações sobre o nascimento de Juscelino em 1902. Nele encontramos a certidão de nascimento de Juscelino (1902) e o registro de seu batismo (1903). Portanto, como podemos observar, as duas primeiras salas estão dedicadas a explorar não apenas o contexto em que Juscelino nasceu, como também nos informam sobre a experiência de sua infância e de sua adolescência em Diamantina.

A terceira sala observada, que também parece ter sido um quarto, dedica-se à família de Juscelino. De maneira geral, encontramos informações sobre os seus pais, seus avós e seus bisavós, tanto da parte paterna quanto da parte materna. Em destaque, porém, encontramos informações sobre o seu tio-avô João Nepomuceno. Nesta mesma sala também encontramos um armário, um guarda-roupa e uma cadeira supostamente produzidos por seu bisavô João Alemão e datados entre 1832 e 1854. Ainda nessa sala, é possível observar desenhos do arquiteto Lúcio Costa, datados de 1922, quando esteve em Diamantina, e projetos de Brasília.

A quarta sala observada encontra-se onde, no passado, foi o quarto de Juscelino. No cômodo, muito pequeno, verificamos a reprodução de um quarto com cama, mesa, cadeira e livros. Nela encontramos informações sobre os hábitos de leitura de Juscelino e uma cronologia de sua vida.

A quinta sala observada, bastante ampla, aparentando ter sido no passado uma espécie de copa ou sala de jantar, apresenta outra cronologia sobre a vida de Juscelino. A sala é inteiramente dedicada à família de primeiro grau de JK. Há nela um espaço dedicado à Naná, irmã de JK, onde encontramos sua certidão de nascimento e seu registro de batismo. Há também um espaço reservado ao pai de Juscelino, João César, onde observamos informações sobre a sua atuação profissional como fiscal de rendas federais, fiscal do imposto de consumo e delegado de polícia. Verificamos reproduções de jornais antigos que informaram sobre o adoecimento e morte do pai de Juscelino, além de seu registro de batismo, suas certidões de casamento e de óbito. No espaço dedicado à mãe de Juscelino, Júlia Kubitschek, encontramos informações sobre a sua atuação como diretora do Grupo Escolar e como Presidente da Associação de Caridade de Diamantina, uma foto um com ex-aluno de renome, um certificado do Grupo Escolar Mata Machado com a sua assinatura, enquanto diretora, assim como os seus registros de batismo e de casamento.

Na sexta, e última sala observada, a cozinha, encontramos a reprodução específica deste cômodo: prateleiras com objetos antigos de cozinha, mesa, bancos, fogão a lenha e uma receita de frango com quiabo, típica da culinária mineira e um dos pratos preferidos de Juscelino.

Como o objetivo deste trabalho é analisar a representação das dificuldades e das adversidades pelas quais Juscelino passou em sua infância e adolescência, durante o tempo em que viveu nessa casa, e como ela possivelmente reverbera no imaginário sobre o ex-presidente, como o "menino pobre", focaremos agora nessa representação e como ela é construída na narrativa do museu-casa sem considerar os capitais simbólicos dos antepassados de Juscelino em sua trajetória de vida.

É interessante observar que em diferentes salas de exposição da instituição encontramos trechos como os que serão apresentados a seguir. No quarto de JK, é possível verificar o seguinte texto:

> Encerrado o curso no Seminário, restavam a Juscelino poucas alternativas, como se empregar no comércio de sua cidade ou aguardar um emprego público, opções pouco atraentes para um jovem ambicioso e inquieto, que começava a divisar para além dos limites das serras diamantinenses, e que já sonhava em formar-se médico. Assim, ele se tornou um autodidata, impondo-se a uma rígida disciplina de estudo. O pequeno quarto da casa da rua São Francisco, onde viveu uma rotina de confinamento e concentração, testemunhou os seus esforços para **romper a condição de menino humilde** e escrever sua própria história (grifo meu).

O trecho apresentado nos dá informações importantes sobre a *persona* construída pelo museu-casa para Juscelino e que podem materializar um determinado imaginário sobre o ex-presidente. Juscelino foi caracterizado como um "jovem ambicioso e inquieto", algo que, de fato, podemos considerar como bem próximo à sua personalidade. No entanto, quando o texto acrescenta, "[...] para romper a condição de menino humilde [...]", a instituição nos leva a considerar condições bastante adversas na infância e adolescência de JK. Não desconsideramos essas condições. Sabemos que elas realmente existiram. Mas, apesar delas, sabemos que Juscelino também contou com inúmeras possibilidades e oportunidades desde o início de sua vida e que ele soube aproveitar. Assim, talvez seja, no mínimo, exagerado considerá-lo um mero "menino humilde".

Outro texto passível de análise para o presente trabalho pode ser encontrado na cozinha da casa. Nela observamos o seguinte trecho:

> A vida da família Kubitschek de Oliveira na pequena casa da rua São Francisco nunca se caracterizou pela abundância ou pelo conforto material, mas pela **frugalidade e o comedimento impostos pela escassez de recursos**. Da '**experiência da humildade**' vivenciada em sua infância, Juscelino, grande apreciador da boa mesa, levou consigo o gosto pela sofisticada simplicidade da culinária mineira. […] (grifo meu).

Novamente, o museu-casa não se pauta em informações inverídicas. Como já mencionado anteriormente, sabemos das adversidades financeiras que Juscelino enfrentou no início de sua vida. Mas é inegável que a instituição coloca em relevo essas dificuldades ao sugerir que a "experiência da humildade" imposta pela "escassez de recursos" formou a própria personalidade de JK. Como Juscelino mesmo aludiu, sua condição de pobreza se devia mais a questões circunstanciais do que de origem. E que se sua mãe quisesse, teria a quem recorrer. Além disso, apesar da falta de "abundância" e de "conforto material", Juscelino, na medida do possível, sempre pôde contar com diversos alicerces em sua vida, como ficou claro na biografia apresentada anteriormente, que também formaram a sua personalidade.

Outro texto, agora um depoimento do próprio JK, que também está apresentado na cozinha, vai pelo mesmo caminho, como podemos verificar a seguir:

> "A partir da ida de Naná para o colégio das freiras, em 1913, notei que a comida minguou em nossa mesa. Nossas refeições nunca haviam sido muito variadas e fartas, ao contrário. Entretanto, de súbito, elas se haviam tornado mais frugais. Meu apetite de menino em crescimento levou-me a fazer alguma reclamação. Meu prato passou a vir

> bem cheio, mas o de minha mãe tornou-se mais escasso, quando não era, até, substituído por uma xícara de café-com-leite. Para evitar maior embaraço, ela explicava: preciso fazer regime. Dar aula com estômago cheio provoca-me dores de cabeça".

Podemos fazer as mesmas ponderações com relação a este trecho. Com certeza, o texto apresentado não incorre em informações falsas. É muito provável que dona Júlia, verdadeiramente, tenha agido como Juscelino descreve. A questão que merece ser discutida se refere ao fato de que os dois únicos textos apresentados na cozinha, além de uma receita de frango a molho pardo, fazem alusão às dificuldades financeiras de JK em sua infância. Sabemos que esses momentos de adversidade realmente existiram. Mas ao colocar ênfase nessas dificuldades, o museu-casa corre o risco de construir, por meio de sua narrativa museológica, um imaginário sobre o ex-presidente que não apenas desconsidera os capitais que, de alguma maneira, foram determinantes em sua trajetória de vida, como também pode reforçar uma excepcional narrativa de superação supostamente baseada unicamente em características pessoais de Juscelino. Essas características, de um jovem visionário e capaz de conceber horizontes mais largos, por sua vez, também não deixam de ser verdadeiras. No entanto, podemos considerá-las igualmente como resultado dos próprios capitais familiares já aludidos no presente trabalho e que não foram discutidos no museu.

Essa "narrativa da superação" está presente não apenas na expografia do museu-casa. Podemos encontrá-la também no próprio material impresso da instituição. Os visitantes, ao entrarem no museu, recebem um livreto chamado "De Nonô a JK: a história do menino que transformou o Brasil" (2019). O livreto constrói a biografia de JK em formato de história em quadrinhos. No texto de apresentação, assinado pelo presidente da "Casa de Juscelino", é possível encontrar os seguintes trechos:

> […]. Contar, em quadrinhos, a vida de JK aos meninos e meninas das escolas de Minas Gerais, na esperança de que a trajetória deste **garoto pobre do interior do Brasil profundo** possa sensibilizar outros guris a buscar seus próprios sonhos (grifo meu).
>
> Toda vez que faço uma palestra contando que Nonô nasceu no início do século 20 no Vale do Jequitinhonha, **uma das regiões mais pobres de Minas Gerais** até hoje, **e que se tornou Presidente do Brasil**, modernizando e mudando para sempre a história do país, vejo muitos olhinhos brilharem (grifo meu).

É inegável a tentativa de constuir um imaginário sobre o ex-presidente representado como "garoto pobre do interior do Brasil profundo" nascido em "uma das regiões mais pobres de

Minas Gerais". E não apenas isso, mas que apesar disso "se tornou Presidente do Brasil". O objetivo realmente é sedimentar uma representação da infância e da adolescência de JK pautada em uma excepcional narrativa de superação. Como verificamos ao longo da biografia de Juscelino, sabemos que, apesar de todas as adversidades e dificuldades entrentadas no início de sua vida, ele não foi uma criança desassistida. Vários são os exemplos que podemos elucidar e que demonstram que Juscelino teve uma base familiar, pautada em diversos capitais simbólicos, que aliada ao seu esforço e dedicação, conduziram-no ao longo de sua vida.

Interessante observar que na própria biografia consultada, que, sabemos, também é uma construção narrativa, e que nos dá pistas de todos esses capitais familiares que de alguma maneira alicerçaram a vida de JK, também encontramos, na orelha do livro, uma menção ao imaginário do "menino pobre", como podemos verificar a seguir:

> Juscelino de Oliveira Kubitschek nasceu de **família modesta no interior de Minas**. Fora sua simpatia radiosa, o zelo pelos estudos e seu prodigioso coração – **outros predicados não distinguiam aquele menino vindo da casinha de porta e três janelas, em Diamantina, dos outros meninos da sua turma** (grifo meu).

Novamente, Juscelino é caracterizado como alguém que "nasceu de família modesta no interior de Minas". E que além de suas características pessoais como simpatia, cuidado com os estudos e grande coração, apresentadas como inerentes à sua *persona*, nada distinguiria aquele menino vindo de uma casinha simples de Diamantina. O simples fato de Juscelino ser descendente de um senador e vice-presidente de Minas Gerais é suficiente para inferir que sua família tinha *status* suficiente para distingui-lo "dos outros meninos da sua turma".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observou-se, com o desenvolvimento da pesquisa, que ao construir uma narrativa biográfica que não considera os capitais presentes na família de Juscelino e que, inevitavelmente, irradiaram e reverberaram em sua própria vida, o museu-casa corre o risco de construir um imaginário sobre o ex-presidente que enfatiza sobremaneira uma extraordinária trajetória de superação. Esta construção museológica alicerça-se em uma narrativa biográfica que sugere que, a despeito das dificuldades e adversidades, a personalidade visionária do ainda jovem Juscelino fez com que ele expandisse os seus "limitados" horizontes. Sem desprezar estas adversidades, e

mesmo a dedicação de Juscelino, esta pesquisa observou que, ao desconsiderar os capitais simbólicos de seus antepassados, a narrativa museológica apresentada contribui para a construção do imaginário sobre o ex-presidente, e sobre a sua vida, enquanto uma *persona* e uma trajetória de excepcional superação.

Como podemos observar na biografia apresentada de Juscelino, vários são os capitais presentes em sua família e que inevitavelmente reverberaram em sua vida. É possível dizer que Juscelino contou ao longo do início de sua vida com várias oportunidades que, de alguma maneira, o conduziram até à Faculdade de Medicina em Belo Horizonte. E essas oportunidades estão diretamente relacionadas com os capitais econômico, social, cultural e simbólico de sua família. Sem esses capitais provavelmente seu caminho até à universidade teria sido bem mais árduo. Novamente, é muito importante deixar claro que as dificuldades realmente existiram, mas quando a "Casa de Juscelino" dá ênfase a essas adversidades, cria-se um imaginário sobre o ex-presidente que não corresponde a uma realidade que se apresenta bem mais complexa.

É verdade que o museu-casa, em vários momentos, menciona essas oportunidades e esses capitais. A narrativa museológica faz referência ao tio-avô João Nepomuceno Kubitschek; ao abatimento na mensalidade do Seminário; à venda da joia de família para custear a viagem de Juscelino a Belo Horizonte. A instituição destaca, até mesmo, a influência dos pais, em especial da mãe, na personalidade Juscelino, como fica claro nos textos a seguir:

> Juscelino pode ser definido de várias formas: sonhador, cordial, bem-humorado, visionário, amante dos bailes e das serestas, e ao mesmo tempo possuidor de uma extraordinária disciplina e capacidade de realização. D. Júlia foi mãe e mestra durante os primeiros anos de sua vida escolar, **ministrando os fundamentos de sua constituição intelectual e transformando-o no aluno modelo para as demais crianças**. Diamantina era a única cidade de sua região que possuía instituições de ensino secundário da importância do Seminário Episcopal, onde Juscelino formou-se, e do Colégio Nossa Senhora das Dores, onde a irmã Naná completou seus estudos (grifo meu).

> Os pais de Juscelino foram definidos por ele mesmo como a atração de contrários. O pai, João César, dotado de um espírito irrequieto e do gosto pela aventura; a mãe, Júlia, discreta e religiosa. Apesar de falecido precocemente em 1905, o caixeito-viajante João César de Oliveira transmitiu ao filho as características que mais o destacavam como diamantinense convicto: **a generosidade, a alegria, o dom da palavra e a capacidade de mobilizar os conterrâneos nos momentos de necessidade**. A professora Júlia, por sua vez, incutiu no filho **a disciplina, o gosto pelos estudos e a capacidade de realização** (grifo meu).

Portanto, não podemos afirmar que o museu deixa de fazer referência à influência dos pais de Juscelino em sua personalidade. Contudo, a instituição não faz isso de uma maneira mais ampla desconsiderando o fato de que essa influência diz respeito a uma cadeia geracional maior e que propiciou não apenas a formação, como também as possibilidades de escolha do menino Juscelino.

REFERÊNCIAS

BOJUNGA, Cláudio. **JK**: o artista do impossível. São Paulo: Objetiva, 2001.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 183-191.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

CASA DE JUSCELINO, 2020 (documento interno).

SCHWARCZ, Lília M; STARLING, Heloísa M. **Brasil**: um biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS DA PESQUISA:
Todo o conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

FINANCIAMENTO:
Esta pesquisa não recebeu nenhuma subvenção específica de qualquer agência de financiamento dos setores público, privado ou sem fins lucrativos.

CONTRIBUIÇÃO DAS/DOS AUTORES/AS:
Conceptualization: ideas; formulation or evolution of overarching research goals and aims.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE:
As/os autoras/es declaram que não há conflito de interesses a mencionar.

MINIBIOGRAFIAS DOS/DAS AUTORAS DO PAPER:

Leonardo Gonçalves Ferreira é doutor em Ciências Sociais pela PUC Minas com período sanduíche na *University of Amsterdam*. Atualmente, é professor efetivo de Sociologia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá – Campus Laranjal do Jari.